



GT 023. Antropologia, gênero e saúde no contexto neoliberal e neoconservador no Brasil: desafios e estratégias de enfrentamento

Rozeli Maria Porto (UFRN) - Coordenador/a, Mônica Franch (Universidade Federal da Paraíba) - Coordenador/a

Nas últimas décadas, o avanço na pesquisa antropológica sobre as articulações entre gênero, saúde e sexualidade tem evidenciado problemáticas importantes no campo dos Direitos Humanos e fundamentais. Reflexões relacionadas à saúde sexual e reprodutiva de mulheres e homens, em suas várias orientações de gênero e sexualidade, têm provocado aos pesquisadores em um campo moral a pensarem no entrecruzamento desses direitos com diferentes marcadores sociais da diferença. Essas questões se tornam urgentes num contexto hodiernamente sombrio no país, marcado pela implantação de um projeto econômico e socialmente excludente, que está levando ao desmonte de políticas públicas de saúde. Os direitos relativos ao aborto, ao parto humanizado, o acesso a serviços de saúde para travestis e transexuais ou, ainda, a prevenção e tratamento de infecções sexualmente transmissíveis, como o HIV/Aids, estão cada vez mais ameaçados diante de tais circunstâncias. Frente aos desafios impostos por esse contexto neoliberal e neoconservador, a proposta deste GT é refletir sobre as estratégias teóricas, metodológicas e políticas que estamos desenvolvendo no cotidiano de nossas pesquisas em torno das questões de gênero, saúde e sexualidade. Podem girar em torno de temas como maternidade, aborto, HIV/Aids, Tec. Reprod., diversidade sexual e transexualidade, e suas articulações entre gênero, classe, raça, etc; relações e/ou conflitos com o Estado; fluxos de poder, influências políticas, morais e/ou religiosas.

As Vozes que gritam tem cor: Violência Obstétrica e o Impacto na vida das Mulheres Negras

Autoria: Ana Claudia Coutinho da Silva, Cintia de Souza Batista Tortato - Doutora - Instituto Federal do Paraná - IFPR

Neste artigo pretendo trazer a reflexão sobre a violência obstétrica como violência de gênero atrelada ao racismo institucional e sua relação com o desenvolvimento tecnocientífico. A pesquisa que se encontra em andamento faz parte da dissertação de mestrado interdisciplinar em Ciência, Tecnologia e Sociedade-CTS. Um campo que abre espaço para diversas questões, onde a antropologia se encontra cada vez mais consistente. Nesse sentido o estudo sobre a violência obstétrica se torna necessário, e ainda longe de se tornar obsoleto. O termo violência obstétrica refere-se a um tipo específico de violência contra a mulher que pode ocorrer geralmente em ambiente hospitalar. Essa violência institucional na atenção obstétrica se dá nos períodos da gestação, parto, puerpério e em situação de abortamento. A pesquisa que vem sendo realizada na cidade de Paranaguá, situada no litoral Paranaense, onde levantamos os dados compilados pelo Relatório Dinâmico: Monitoramento de Indicadores (Portal ODM), que no ano de 2015, 52,2% dos partos realizados em Paranaguá foram cesarianas. Percebe-se que na cidade, assim como em todo o País, são registrados muito mais cesarianas do que os 15% recomendados pela Organização Mundial de Saúde (OMS). Dessa maneira a pesquisa aqui apresentada pretende demonstrar como o avanço da ciência e tecnologia imbrica o sofrimento e o adoecimento dos corpos femininos e como isso se agrava quando identificamos esses corpos com sua cor/raça.

[Trabalho completo](#)



Realização:



Apoio:



Organização:

